



Comunicação: reflexões sobre a mídia e a linguagem

ANDRÉ PUGLIESE¹

Resumo:

O presente artigo aborda a evolução das mídias e a sua relação com os processos comunicativos, a partir da análise da evolução das linguagens desde a oralidade, até a linguagem digital, cada qual com suas idiossincrasias. Com o surgimento da escrita, as ações humanas, incluindo o processo comunicativo e a produção de conhecimento, passam a ser registrados, o que permite avanços científicos significativos, inclusive em relação ao desenvolvimento de novos processos técnicos e suportes que potencializam a própria comunicação humana. A partir deste ponto, destacam-se as características da interação com o texto, suas especificidades e também as novas perspectivas advindas da combinação dos textos com outras mídias, potencializadas pela tecnologia da informação e seus suportes.

Palavras-chave: Mídias, conhecimento, linguagem, tecnologia, comunicação

Introdução

A nova e dinâmica estruturação da sociedade da informação pressupõe novos posicionamentos dos indivíduos, novas configurações teóricas, novos desafios e obviamente a quebra de alguns paradigmas. O pensamento linear, rígido e inflexível não condiz com a natureza humana de associação, construção de conhecimentos a partir da interação com outros indivíduos e aprendizagem colaborativa. Estamos apenas posicionando de maneira mais adequada a sistematização de idéias e construções simbólicas, que obviamente não respeitam barreiras e são essencialmente próprias, não-lineares e intuitivas. Não mais existe, em específico, uma preocupação exacerbada com os fins, com o lugar onde se deseja estar. Amplia-se a observação para a consideração dos passos, dos caminhos, do percurso e das narrativas construídas durante os processos

¹ Administrador, MBA em Gestão Empresarial, especialista em Educação, Comunicação e Novas Tecnologias e Mestre em Educação. Professor da Fundação Universidade do Tocantins – UNITINS. Endereço de e-mail puglieseandre@gmail.com. Referência: GT8 – Historiografia da Mídia.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

comunicativos. A co-autoria, a participação dos indivíduos no dimensionamento das estruturas e a própria percepção da relação tempo-espço adquirem novos significados. No ciberespaço, a comunicação é potencializada e nunca termina. Os textos sofrem mutações, as fontes mudam e as necessidades e expectativas dos leitores, bem como o seu número aumentam. Reiterando os esforços de compreensão acerca do tema, os leitores são posicionados como artifícios de uma atividade intelectual amplamente estruturada.

A leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo (KOCH, 2006, p. 17).

O evento comunicativo, aqui expresso pelo ato da leitura, independe do suporte em que se estabelece o texto. Podemos pensar nos pergaminhos, no códex e obviamente podemos nos remeter à figura do leitor dos textos eletrônicos, digitais. O conhecimento das especificidades do sujeito, analisando o seu posicionamento ante ao texto em seus diversos suportes é potencializado na medida em que se descortinam as características fundamentais da linguagem, enquanto expressão básica do homem.

Linguagem, conhecimento e novas perspectivas comunicacionais

Definir conhecimento não se configura como tarefa das mais fáceis, e neste caso, nos cabe analisá-lo não apenas a partir da lógica científica, ampliando a sua compreensão às esferas das práticas sociais cotidianas. Sob essa ótica, os indivíduos interagem com as mais diversas formas de conhecimento durante todos os momentos de sua vida, e a linguagem é o meio pelo qual eles transmitem, recebem e reconfiguram os conhecimentos e a sabedoria que são necessários ao desenvolvimento de suas atividades pessoais e profissionais. Para Peter Burke (2003, p. 20), “a sabedoria não é cumulativa, mas tem que ser adquirida mais ou menos penosamente por cada indivíduo”. Esse esforço não reside apenas na observação das coisas do mundo, ou seja, de sua leitura, pois em processo, o homem busca identificar as relações entre o que já sabe, já conhece com as perspectivas que se abrem a partir da inserção de novos elementos conceituais.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Henri Bergson, citado por Marshall McLuhan (1974, p. 97), sugere que:

sem a linguagem, a inteligência humana teria permanecido totalmente envolvida nos objetos de sua atenção. A linguagem é para a inteligência o que a roda é para os pés, pois lhes permite deslocar-se de uma coisa a outra com desenvoltura e rapidez, envolvendo-se cada vez menos. A linguagem projeta e amplia o homem, mas também divide as suas faculdades.

A linguagem é o alicerce da cultura humana, sendo instrumento de sua manifestação e desenvolvimento. A cultura, no pensamento de Barthes (1998, p. 69), é tudo e é também linguagem. O texto, para ele, é um “espaço de dimensões múltiplas, é um tecido de citações saídas dos mil focos da cultura e o homem precisa dessa cultura. Ambas estão relacionadas a certas regras que vêm de uma lógica milenar da narrativa, que constitui a pessoa antes do nascimento”. Autores e leitores, segundo sugere Barthes (op.cit), não são mais do que uma passagem desse imenso espaço cultural. Barthes (1998, p. 105) reflete sobre a cultura e afirma que “para dizer-se homem, o homem precisa de uma linguagem, isto é, da própria cultura”. Encontram-se hoje no organismo vivo as mesmas estruturas que no sujeito falante, pois a própria vida está construída como uma linguagem.

Conforme Santaella (2003, p. 31), uma definição breve e útil aponta que “a cultura é a parte do ambiente que é feita pelo homem”. A autora assevera ainda que a cultura “comporta-se sempre como um organismo vivo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes” (op. cit., p. 13). Nesse processo de construção, os indivíduos executam infinitamente um papel investigativo e a pluralidade dessa ação impõe desafios à sistematização e apreensão do conhecimento, conferindo a ele, em essência, uma obrigatória noção de incompletude. Sob qualquer análise, percebe-se que é a partir de processos comunicacionais que o conhecimento é difundido e objetivamente se estabelece o processo de construção de novos saberes, por meio da linguagem. Segundo Pierre Lévy (1994, p. 120) "o espaço do saber não existe. É, no sentido etimológico, uma utopia, um não lugar".

Essa percepção é reforçada graças à compreensão do papel da linguagem nos processos de comunicação humana, onde se faz mais presente. O espaço do saber é habitado, animado, por intelectuais coletivos - imaginantes coletivos - em permanente

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

reconfiguração dinâmica. A afirmação posiciona novamente o processo comunicativo em outra perspectiva, à medida que os intelectuais coletivos inventam línguas mutantes, constroem universos virtuais, ciberespaços em que se buscam formas inéditas de comunicação (LÉVY, 1994). Ainda refletindo sobre a linguagem, Lévy indica que se a humanidade construiu outros tempos, mais rápidos, mais violentos que os das plantas e animais é porque dispõe deste extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações que é a linguagem (1993, p. 76).

Souza (2001, p. 10) também usa tal pensamento para expressar que “somos conforme a linguagem que utilizamos para dizer uns aos outros quem somos”. Segundo ele, o processo social criou, ao longo da história recente, o que chamamos mídias, os meios de comunicação social. O estar junto passou a ser necessariamente midiaticizado pelas técnicas de comunicação. De forma geral, temos nas mídias tradicionais como o livro, o jornal, a televisão e o rádio uma característica diferenciada em relação aos meios digitais, em particular o computador. O caráter monológico dos primeiros cria e potencializa fluxos comunicacionais de sentido unilateral, ou seja, de autores para potenciais receptores. Substancialmente diferente na rede, a relação se estrutura na lógica de todos a todos, contrapondo a natural assimetria no posicionamento de emissores e receptores, em nosso caso, de autores e leitores. Tais aspectos são reforçados com a análise da estrutura do meio que interessa à discussão aqui proposta: a Internet.

Segundo Castells (1999, p. 247), tem-se na Internet:

uma ordem social organizada de modo a satisfazer uma das mais consideráveis das demandas latentes na sociedade: a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma, hoje distorcida pelo pensamento esclerosado dos meios de comunicação tradicionais.

Reside nesse ponto de vista, a justa reflexão sobre as transformações introduzidas pelos meios eletrônicos. São percebidas crises em segmentos como o Jornalismo, que muitas vezes assiste inerte a inserção de novos meios (blogs, redes sociais etc.) sem conseguir dimensionar os seus impactos em relação às mídias de massa, inclusive sob a perspectiva de negócio. Se antes cada meio encontrava-se separado dos demais, não sendo possível a combinação de seus elementos, atualmente

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

não existem restrições quanto à integração das diversas linguagens em um mesmo tecido. Machado (2002) entende que a novidade introduzida pela informática está justamente na possibilidade que ela abre de fundir num único meio e num único suporte todos os outros meios e de invocar todos os sentidos, pelos menos os mais desenvolvidos no homem. Este autor assevera que:

[...] textos escritos e oralizados, imagens fixas e em movimento, sons musicais ou ruídos, gestos, toques e toda sorte de respostas corporais se combinam para constituir uma modalidade discursiva única e holística. A informática nos impõe, portanto, o desafio de aprender a construir o pensamento e expressá-lo socialmente através de um conjunto integrado de meios, através de um discurso áudio-tátil-verbo-moto-visual, sem hierarquias e sem a hegemonia de um código sobre os demais (op.cit., p. 109).

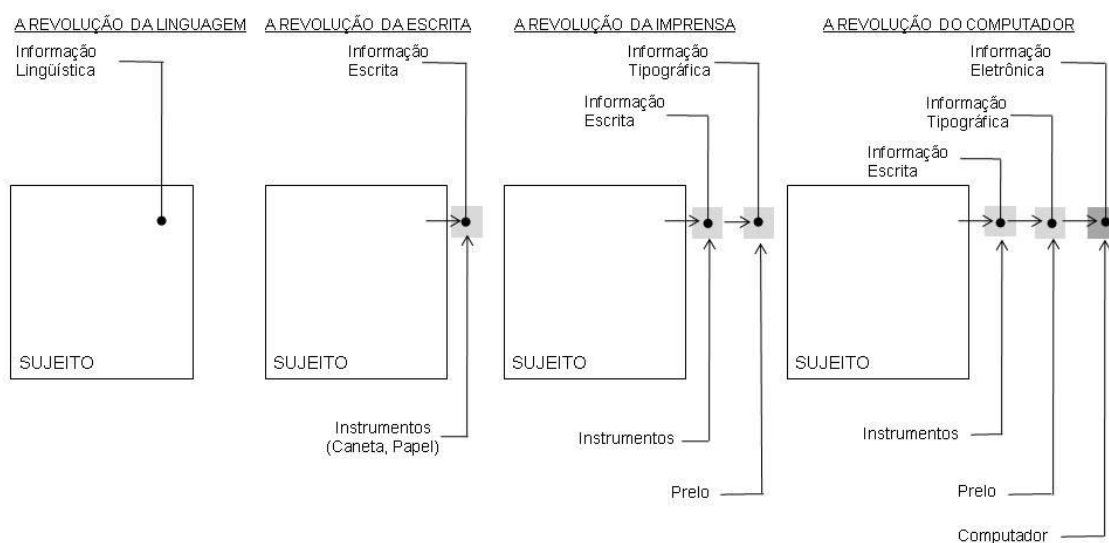
Dentre as muitas transformações percebidas a partir da inserção de um novo suporte às práticas de produção de conhecimentos, uma destaca-se em relação à produção textual. O clássico e já mencionado modelo comunicacional baseado na lógica emissor–mensagem–receptor, por pressuposto fundamental de distinção dos pólos, não permite que o receptor possa interferir na mensagem, propondo de forma criativa, novas formas de leitura. Nessa nova perspectiva comunicacional, insere-se a lógica da participação-intervenção como ponto fundamental, que aponta uma ruptura com o clássico modelo emissor-mensagem-receptor.

Segundo Marchand, citado por Primo (2007, p. 41) e Silva (2006, p. 108) neste novo paradigma, sobretudo a partir da perspectiva de interatividade, a mensagem não mais se configura como um "pacote fechado", passando a ter conteúdos manipuláveis, à medida que não se posiciona mais apenas no pólo da emissão, proporcionando conseqüentemente mudança no estatuto do receptor, pois a mensagem muda de natureza e o emissor muda de papel.

Podemos considerar, graças às implicações técnicas e sociais, que as transformações ocorridas até chegarmos ao espaço da comunicação mediada por computadores – CMC – configuram-se como uma revolução. A figura a seguir busca ilustrar os diferentes estágios percorridos até chegarmos a este novo paradigma. No primeiro momento, representativo das sociedades de cultura oral, a informação encontra-se indissociada do indivíduo, não existindo separação, portanto, entre o sujeito

e o objeto. A partir da evolução da escrita, inicia-se a distinção que, por meio de diferentes suportes e instrumentos (papel, lápis, prensa, computadores) se efetiva. Cabe enaltecer que por meio dos computadores possibilitou-se o encadeamento de diferentes linguagens em um único suporte.

Figura – As revoluções da linguagem e suas mídias



Adaptado de Dias (1999, p. 269).

A evolução das formas de linguagem nos posiciona em uma cultura tecnológica, na qual o rádio, a televisão e mais recentemente os computadores estimulam o desenvolvimento da oralidade em uma esfera de dependência da escrita. Esta, por sua vez, apresenta-se em quaisquer estruturas textuais contemporâneas, mesmo que não a percebamos enquanto fim. Não há como nos desvincularmos do entendimento de que pertencemos efetivamente a uma cultura escrita. É fácil percebermos, a partir de uma simples analogia com o surgimento da informática, os impactos provocados pela escrita em uma cultura essencialmente fundamentada na oralidade. Nesse sentido desenvolvemos a seguir o processo evolutivo da linguagem, na busca da compreensão das bases de sustentação dos processos comunicativos atuais.

A Linguagem Oral

A oralidade é a forma de linguagem básica do homem sendo caracterizada em duas tipologias distintas: oralidade primária e secundária. As sociedades da oralidade primária são também chamadas de culturas orais, ágrafas, cultura sem escrita, culturas não-letradas, culturas oralistas, culturas verbo-motoras ou acústica e são, por excelência o lugar dos narradores, dos mitos e das lendas (RAMAL, 2002). Por meio de signos comuns de voz, que eram compreendidos pelos membros de um mesmo grupo, as pessoas se comunicavam e aprendiam (KENSKI, 2007). Para que tais conhecimentos não fossem perdidos, eram periodicamente retomados e repetidos em voz alta. Não havia, portanto, nenhum modo de armazenar as representações verbais para futura reutilização. “Assim, ritos e mitos são retidos, quase intocados, pela roda das gerações” (LÉVY, 1993, p. 38).

A impossibilidade de registro, conjugada a sensíveis diferenças na interpretação dos acontecimentos, funcionava como excelente estratégia de memorização dos elementos constitutivos da cultura, fato que facilitava a valorização das tradições vigentes. Segundo Lévy (1997, p. 3):

Nas sociedades orais, as mensagens linguísticas eram sempre recebidas no tempo e no lugar em que eram emitidas. Emissores e receptores partilhavam uma situação idêntica e, em geral, um universo análogo de significado. Os atores da comunicação estavam embebidos no mesmo banho semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interação.

Apesar de apontamentos ligados a certa homogeneização dos significados, reforçada pelos pressupostos de contextualização dos sujeitos em realidades similares, cabe ressaltar que a narrativa carrega em seu bojo de intersubjetividade a possibilidade de diferentes interpretações, provenientes, por exemplo, de diferentes perfis atrelados à carga emocional do narrador quando de sua exposição oral. “A coerência das mensagens reside muito mais na unidade de sentimentos que existe entre as consciências que as compartilham do que na lógica dos próprios acontecimentos” (RAMAL, 2002, p. 38). “As sociedades orais são constituídas de gente diferenciada, não por suas habilitações especializadas ou sinais visíveis, mas por suas singulares

misturas emocionais” (MCLUHAN, 1974, p. 69). A oralidade primária qualifica assim as culturas desprovidas do conhecimento de qualquer forma de escrita.

Ainda hoje a linguagem oral é a nossa principal forma de comunicação, e é pelo aspecto efetivo, mais do que pela racionalidade humana que se pretende fixar informações. Nos espaços de ensino, professores e alunos usam preferencialmente a fala como recurso para interagir e, na maioria dos casos o aluno é quem menos se expressa. De maneira simplória e inconsistente, são produzidas narrativas orais visando o armazenamento das informações transmitidas, acreditando-se assim, que a fixação mnemônica produza efetivamente aprendizado. A sociedade oral, em todos os tempos, aposta na memorização, na repetição e na continuidade (KENSKI, 2007).

A oralidade secundária, por definição, é a expressão de nossa sociedade nos dias atuais, pois se apresenta como a combinação dos elementos da oralidade primária acrescidos dos fatores que caracterizam as culturas que possuem e utilizam a linguagem escrita e, que efetivamente, configuram-se como foco de nossa análise.

Textos e Linguagem Escrita

A criação e o uso da escrita como tecnologia de comunicação surgem quando os homens deixam de ser nômades e passam a ocupar de forma mais permanente espaços determinados onde passam a desenvolver atividades agrícolas. Se até então o homem dependia profundamente de sua memória para preservar os acontecimentos, passa agora a saber sobre fatos passados a partir de seus registros, libertando assim a mente humana do esforço de recordar. A ligação com o desenvolvimento da agricultura é tamanho, tanto que a palavra página vem do latim *pagus*, que significa o campo do agricultor (LÉVY, 1993).

Contrariando as sociedades orais, onde havia o predomínio da repetição e a consequente necessidade de memorização, na sociedade da escrita passa a haver a necessidade de compreensão do que está sendo comunicado graficamente. Passa a existir, conforme indicado na figura anterior, uma distância entre a pessoa que escreve e a que lê e interpreta o escrito, ou seja, é preciso conhecimento do código para então compreendê-lo. Assim, a oralidade, independentemente da inserção de novas outras

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

formas de linguagem, encontra amparo na naturalidade de seu desenvolvimento, e por isso se conjuga às outras formas de comunicação. Potencialmente, é preciso que haja entendimento que “a escrita, ao separar as mensagens das situações onde são usados e produzidos os discursos, suscita a ambição teórica e as pretensões à universalidade” (LÉVY, 1993, p. 91).

A tecnologia da escrita, na busca por essa universalização, organiza-se em códigos, produzindo assim representações alfabéticas. Segundo Kenski (2007, p. 31), “a complexidade dos códigos da escrita e o domínio das representações alfabéticas criam uma hierarquia social, da qual são excluídos todos os iletrados, os analfabetos”. Assim, a escrita desempenha papel de reorientação das estruturas sociais, à medida que legitima e valoriza o conhecimento como mecanismo de poder e ascensão social. Segundo McLuhan (1974, p. 69):

a alfabetização cria espécies de povos muito mais simples do que aquelas que se desenvolvem na teia complexa das sociedades orais e tribais comuns. O homem fracionado cria o mundo ocidental homogeneizado, enquanto as sociedades orais são constituídas de gente diferenciada, não por suas habilitações especializadas ou sinais visíveis, mas por suas singulares misturas emocionais.

A partir desse ponto, as palavras deixam de ser apenas ouvidas, sendo, portanto, vistas. Tal mudança faz emergir a necessidade de utilização de outro sentido humano no processo de construção da linguagem: a visão. Como mencionado, o que se vê não são obviamente as palavras reais, mas símbolos codificados, que trazem à luz da consciência do leitor efetivamente palavras reais. Finalmente o som se reduz ao registro escrito. A tecnologia da escrita produziu mudanças na vida e no discurso das pessoas, alterando, por conseguinte, o seu modo de pensar.

Os primeiros registros do pensamento humano foram encontrados em materiais como paredes de cavernas, ossos, pedras e peles de animais. No decorrer do processo histórico, muitos outros materiais foram empregados como suporte para a escrita, até chegarmos ao papel. Este, como conhecemos, é uma invenção chinesa, produzida há mais de dois mil anos. A disseminação da produção de papel, em meados do século XIII, produziu forte estímulo à escrita, e, conseqüentemente, à produção literária que

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

tem o seu ápice com a invenção dos moldes de composição tipográfica usados na confecção de tipos móveis em metal, por Gutemberg, em 1450.

A influência e o peso da inserção dessa tecnologia ao processo da escrita na sociedade são bem definidos por Eiseinstein (1979). Segundo ela, a impressão contribuiu para o renascimento italiano e também para a reforma protestante, reorientando assim a prática religiosa católica. Inegavelmente afetou por consequência o desenvolvimento do capitalismo moderno configurando as bases para a exploração europeia do planeta, mudou a vida em família e a política, difundiu o conhecimento, tornou a cultura escrita universal um objetivo sério, permitiu a ascensão das ciências modernas e, por fim, alterou a vida social e intelectual. Segundo McLuhan (1974, p. 137):

o poder de traduzir conhecimentos em produção mecânica, mediante o parcelamento de qualquer processo em aspectos fragmentados dispostos em seqüência linear de partes móveis e uniformes, constitui a essência formal da imprensa.

Dentre as muitas transformações observadas, vale ressaltar que os textos adquiriram maior legibilidade, favorecendo assim uma leitura mais rápida e também silenciosa. Por meio da impressão altera-se a estrutura dos textos, que passam a ser organizados em códex. Surgem os índices, a distribuição em linhas e parágrafos. Outro aspecto relevante diz respeito à portabilidade, conseguida na medida em que os livros foram sendo produzidos em formatos menores, podendo desta forma ser levados pelo indivíduo por onde ele fosse. Talvez a mais importante observação sobre o novo suporte, sobretudo no que tange a produção do conhecimento, seja o entendimento do livro como um objeto, o que o transforma assim em um bem material, dando-lhe, portanto, contornos de propriedade. Por explorar o espaço visual para o tratamento do conhecimento, permitiu aos indivíduos analisar os seus recursos, conscientes ou inconscientes, como cada vez mais semelhantes a coisas, impessoais e rigorosamente neutros. A impressão “encorajou a mente a entender que seus bens estavam confinados em alguma espécie de espaço mental inerte” (ONG, 1998). “O saber está lá, disponível, estocado, consultável, comparável” (LÉVY, 1993, p. 95).

A tecnologia da escrita, interiorizada como comportamento humano, interage com o pensamento, libertando-o da obrigatoriedade de memorização permanente. Surge aqui a interface que a torna um importante dispositivo para a ampliação da memória e do nosso potencial comunicativo, em especial. Segundo Kenski (2007, p. 31), “como tecnologia auxiliar ao pensamento, a escrita possibilita ao homem a exposição de suas idéias, deixando-o mais livre para ampliar a sua capacidade de reflexão e apreensão da realidade”. Por meio da escrita, formou-se obviamente a figura do leitor, trazendo consigo idiossincrasias e especificidades em relação ao constructo de seu processo de leitura.

Mídia Digital, Linguagem Digital

A linguagem digital é, em essência, bastante simples, configurando-se como uma linguagem articulada com as tecnologias de informação e comunicação, as TIC. Por meio dela, é possível obter e fornecer informações, comunicar, interagir e em particular aprender. Segundo Kenski, a linguagem digital é:

uma linguagem de síntese, que engloba aspectos da oralidade e da escrita em novos contextos [...] rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempo e pessoas diferentes (2007, p. 31).

A linguagem digital impõe mudanças radicais nas formas de acesso à informação, criando conseqüentemente novos e dinâmicos processos de produção e difusão de conhecimentos. Cria dessa forma, uma nova cultura, a partir de sua estrutura de codificação distinta e particular. A codificação digital relega a um segundo plano o tema do material. Temos com Lévy alguns princípios dessa nova perspectiva na medida que:

os problemas de composição, de organização, de apresentação de dispositivos de acesso tendem a libertar-se de suas aderências singulares aos antigos substratos. [...] O suporte da informação torna-se infinitamente leve, móvel, maleável, inquebrável. O digital é uma matéria, se quisermos, mas uma matéria pronta a suportar todas as metamorfoses, todos os revestimentos, todas as deformações (1993, p. 102).

Além de permitir a mistura de todas as linguagens, textos, imagens, sons, ruídos e vozes em ambientes multimidiáticos, a digitalização também permite a organização reticular dos fluxos informacionais em arquiteturas hipertextuais². Este traço pode ser visto na sua capacidade de armazenar informação e, por meio da interação do receptor, transmutar-se em incontáveis versões virtuais que vão brotando na medida mesma em que o receptor se coloca em posição de co-autor (SANTAELLA, 2004).

Temos a partir desse ponto de vista a disponibilização de novos modelos comunicativos, em que a lógica da estrutura emissor-receptor adquire novos matizes. Podemos concluir que:

um modelo digital não é lido ou interpretado como um texto clássico, ele geralmente é explorado de forma interativa. Contrariamente à maioria das descrições funcionais sobre papel ou aos modelos reduzidos analógicos, o modelo informático é essencialmente plástico, dinâmico, dotado de uma certa autonomia de ação e reação (LÉVY, 1993, p. 121).

Ainda sobre a noção de plasticidade, McLuhan (1974, p. 110) afirmara anteriormente que “a falta de homogeneidade na velocidade do movimento informacional cria diversidades estruturais na organização”. Pode-se prever facilmente que qualquer novo meio de informação altera qualquer estrutura. Se o novo meio é acessível a todos os pontos da estrutura ao mesmo tempo, há a possibilidade de ela mudar sem romper-se.

Assim, a imagem e o som podem tornar-se os pontos de apoio de novas tecnologias intelectuais. Uma vez digitalizadas, imagens podem ser decompostas, recompostas, indexadas, ordenadas, comentadas, associadas no interior de hiperdocumentos multimídia. “Em breve estarão reunidas todas as condições técnicas para que o audiovisual atinja o grau de plasticidade que fez da escrita a principal tecnologia intelectual” (LÉVY, 1993, p. 103).

O surgimento do leitor imersivo, virtual

Se por meio da escrita surge a figura do leitor, poder-se-á também, por meio da linguagem digital, qualificar um tipo distinto, inclusive sendo este o tipo de leitor a

² O hipertexto representa uma estrutura não linear e flexível.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

quem interessa análises de maior profundidade. Para tanto, podemos resgatar algumas das características mencionadas sobre os leitores, identificando assim que:

de um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo (CHARTIER, 1999, p. 13).

Para Bolter, citado por Marcuschi e Xavier (2005, p. 176), “a imersão irrestrita do leitor numa atmosfera multimidiática o faz vivenciar uma experiência de leitura sinestésica, o que concorre para uma atividade de leitura multisensorial”. Isso implica dizer que o leitor faz uso não somente de sua voz e seus ouvidos, como nas culturas orais, e nem que insere apenas a visão nesse processo complexo de leitura. Podemos dizer que essa nova trama de sentidos empregada para a compreensão e produção de suas narrativas indica a necessidade de aprofundamento sobre o caráter subjetivo da leitura. Como dificilmente dois leitores tomarão exatamente as mesmas decisões e seguirão os mesmos caminhos, “jamais haverá leituras exatamente iguais (o que, aliás, também raríssimas vezes acontece - se é que pode acontecer - com os textos impressos). Pode-se, portanto, falar, de forma categórica, numa co-autoria” (KOCH, 2006, p. 70).

Por meio da tecnologia da escrita, posicionada aqui em outro suporte, diferente do livro, temos novas formas de organização e conseqüentemente novas formas de leitura do texto. Segundo Chartier (1999, p. 12):

a inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

A estruturação diferenciada do texto nos mídias digitais vai produzir, por excelência, diferentes estilos de leitura e navegação, indicando que os traços particulares dos leitores podem indicar categorizações que além de defini-lo, por substrato, possibilita a construção de narrativas mais próximas de suas características e necessidades. Em definitivo, a observação desse novo leitor denota e contemporiza a estrutura que melhor define a organização social de nosso tempo: a rede.

Conclusões

Mesmo que não seja um assunto novo, o estudo da evolução das mídias à luz das transformações observadas também na linguagem é bastante atual, fecunda e relevante. Por mais que este objeto já tenha sido discutido por diversos autores, ainda pode desencadear excelentes reflexões, em especial sobre a ótica da compreensão dos processos de leitura, cada vez mais comum em nossos dias graças à profusão opções de mídias à disposição.

A evolução das linguagens trouxe em seu rastro modificações em seus suportes. Desde a oralidade, até chegarmos ao tempo das linguagens digitais, muitas alterações foram observadas nas relações que o sujeito estabelece com os textos. A leitura, que encontrou nas palavras a sua mais fiel referência, volta hoje à época dos primeiros registros feitos pelos homens, na medida em que se realiza por meio de diversos outros dispositivos, tendo as imagens como o seu melhor exemplo. O mundo é essencialmente imagético, e saber compreender os meandros de sua linguagem pode significar interpretá-lo melhor, mais eficazmente.

Nesse sentido, tudo o que foi visto sobre o processo evolutivo compreende uma parte de excepcional arcabouço de informações que propiciam novas concepções em relação ao seu objeto. Mesmo assim, é facilmente perceptível a riqueza de detalhes e variáveis que permitem que sejam desenvolvidas novas experiências em relação à aplicação de suas premissas no processo comunicativo.

Não é certo que as estruturas, suportes e mídias conhecidas atualmente encerrem as possibilidades e formas de leitura de que o ser humano dispõe, mas por sua complexidade, pelos múltiplos arranjos possíveis e pela sua infinita capacidade de

**Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010**

articular conhecimentos, talvez não evoluamos para algo muito diferente disso. Preparar as pessoas para tal universo é desafio emergente, pois os novos leitores, acostumados que são a navegar nessa parafernália de informações, precisam ser orientados de modo a posicionarem-se criticamente frente às questões que vão além do simples uso das mídias e das tecnologias, além da técnica.

Referências

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.
- DIAS, Cláudia Augusto. **Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais**. Brasília: [s.n.], 1999. Vol. 28.
- EISENSTEIN, Elizabeth. **The printing press as an agent of change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.
- LÉVY, Pierre. **A globalização do significado**. São Paulo : Folha de São Paulo, 1997.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo : Loyola, 1994.
- _____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro : 34, 1993.
- MACHADO, Arlindo. **As mídias são os livros do nosso tempo?** In: PERUZZO, Cicília M. K. (org). **A mídia impressa: o livro e as novas tecnologias**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2002
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus, 1998.
- PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **Navegar no ciberespaço**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.
- SOUZA, Mauro Wilton. **Novas linguagens**. São Paulo: Salesiana, 2001.